

4468

# Mário Juruna: “Devolvam ao povo o que sobrou do Brasil!”

Brasigóis Felício

Uma das figuras mais ricas e fascinantes, de quantas surgiram ultimamente na política brasileira, é, sem dúvida, o cacique xavante Mário Juruna (hoje deputado-federal, pelo PDT do Rio de Janeiro). O combativo e franco-indio não sabe mentir - deputado tem méritos, é verdade, mas, para se destacar, em meio à mediocridade e à mesmice em que se encastelaram nossos parlamentares, não precisaria fazer muito esforço. Sua votação para deputado federal foi consagrador, deixando longe os políticos profissionais, verdadeiras raposas da malícia e do jogo de cintura, que dispenderam milhões de cruzeiros (quicê de dólares) em suas campanhas, sem conseguir o desempenho do Juruna, junto ao eleitorado. Motivos houve (extra-políticos), para isso: o fato de Juruna ter se notabilizado e se transformado em folclore nacional, com seu indefectível gravador, sua rude franqueza indígena (índio não sabe mentir, repito), a ingenuidade e audaciosa coragem com que, em seu reduzido vocabulário, dava nomes às coisas: ladrão era ladrão, corrupto era corrupto, safado era safado. Talvez por isso ele quase perde o mandato, justamente porque na linguagem indígena não existem sinônimos e eufemismos.

Apesar da enorme popularidade de que desfruta, na vida pública brasileira, e em meio a todos os segmentos da população, ainda algumas pessoas insistem em discriminar Juruna, vendo nele apenas um "aculturado exótico" que teve a sorte de ter sido transformado em folclore, caindo por isso nas graças do "populacho ignaro". Essa tem sido a postura discriminatória, elitista e racista, por exemplo, de um jornalista famoso, o Zóximo, e de outros colegas seus.

E Mário Juruna esteve ontem em Goiânia, de surpresa, "para pegar negro no pulo". Saiu de Brasília de madrugada, e veio com a missão de ver a quantas anda a Casa do Índio, se está bem administrada, e se seus funcionários estão bem afinados com a administração do atual presidente da Funai, Jurandy Fonseca. Claro, Juruna é sempre um grande papo. Transformou-se em uma personalidade pública cujas posições e declarações nos interessam a todos, daí por que não perdi a oportunidade de entrevistá-lo, mesmo correndo algum risco. Explico: da primeira vez que entrevistei Juruna (ele ainda pensava em ser candidato), fiz uma brincadeira com o "aculturado exótico", no dizer maldoso do Zóximo, dizendo que ele, depois de ameaçar os políticos com seu onipresente gravador, iria "malufar um pouco". Juruna não gostou nada da comparação, e veio à Redação para acertar contas com este escriba, que tem o maior respeito aos Índios. Minha sorte é que eu não me encontrava no momento da indignada visita. Ainda bem.

Desta vez, Mário Juruna não reconheceu-me como o jornalista que o acusou (injustamente, aliás), de malufar na política. Entrevistei-o no gabinete do prefeito Nion Albernaz, que o deputado foi visitar, cortezmente, aproveitando para fazer reivindicações em favor da Casa do Índio de Goiânia. Mais uma vez, o deputado-cacique explodiu com seu verbo sincero e indignado, verberando contra injustiças e absurdos seculares na vida brasileira. Juruna fala como um apóstolo, há total sinceridade no que diz, daí talvez a credibilidade e o respeito que desperta em todos que o ouvem.

Falando sobre sua militância em favor das comunidades indígenas, Mário Juruna disse: "Com minha atuação, eu acirrei ainda mais o ódio dos brancos contra os índios. E isso porque os políticos, os indigenistas, os missionários, é que sempre falam em nome do índio; o índio mesmo, esse nunca teve direito a palavra, nunca foi ouvido, e não sabe o que estão falando em seu nome. Índio não tem malícia, a gente vivia na terra, ia pescar, via o peixe, ia caçar, via a caça. O Governo Federal acredita que os indigenistas estão amansando índio bravo. A maioria dos indigenistas são vaidosos, egoístas". Para Juruna, a civilização verdadeira é a mata, a terra, o lugar onde ele foi criado: "Lá não existe mentira, malícia, impureza — tudo isso que a gente vê tanto no meio dos políticos. Fui chamado a representar as comunidades indígenas e não foi à toa, os índios sempre foram massacrados, injustiçados. Não existe isso de fulano ou sicrano ser "pai do índio"; se existisse não existiria o problema da terra. As pessoas que dizem defender os índios estavam sempre ao lado dos grileiros, ao lado do Governo Federal. De agora em diante, com o Jurandy na Funai, quem vai falar em nome do índio será o próprio índio".

Juruna defende a atual direção da Funai, dizendo que grande parte dos conflitos existentes atualmente entre comunidades indígenas e a Funai é resultado da ação maldosa de pessoas interessadas em desestabilizar Jurandy Fonseca da presidência da Fundação Nacional do Índio: "Ele tem três meses de mandato, e já estão dizendo que ele é corrupto. Como é possível isto?". O deputado federal pelo PDT refuta também as insinuações maliciosas, que dizem ter ele abandonado quatro mulheres:

"Muitos indigenistas estão desperdando o ódio dos índios contra as autoridades". E cita como exemplos de mudança de mentalidade na Funai o fato de índios estarem sendo nomeados para cargos neste órgão, como é o caso de Terena e Megaron: "O pessoal do Conselho Indigenista se considera dono dos índios. Quem vai defender os índios daqui em diante? São os próprios índios", indaga Juruna, dizendo que as administrações passadas da Funai e SPI estavam mais interessadas em atender interesses de multinacionais e empresas de mineração".

Outro absurdo racista que se comete frequentemente contra os índios é o de confundir-os com seres primitivos, desprovidos de cultura, animalizados, sem alma. Ora, o que os índios não têm é a nossa cultura de pseudo-civilizados, as nossas manhas, mutretas, o nosso jeito hipócrita de usar eufemismos, de fingir sentimentos. Eles têm a sua cultura, sim, que é das mais puras, é humanística, solidária. Vejam o que Juruna pensa disto: "Índio tem a sua cultura, sim, ele vive no mato, tem sabedoria, mais do que muito advogado. O índio é livre para escolher sua vida, não quer mais viver em gaiolas; no momento muitos vivem como escravos, mas índio não é objeto nem instrumento de ninguém. Índio quer aprender a linguagem do branco, mas não as malandragens — que a maioria dos brancos que conheço são muito malandros".

O posicionamento político de Mário Juruna é claro e incisivo. Para ele, chegou a hora das comunidades indígenas, juntamente com todo o povo brasileiro, engajarem-se na campanha pelas eleições diretas já: "Os índios já sofreram muito, foram injustiçados, e agora querem se integrar na sociedade brasileira. O brasileiro está muito acomodado. Quem vai salvar o Brasil. Nós estamos chegando, dando nosso recado, para defender nossa pátria, nossa vida. Queremos construir um país que seja bom para as 50 gerações que vão chegar".

Aludindo ao contato que teve com tribos do mundo inteiro e à pretensão dos americanos em tutelar nossa política indigenista, Juruna diz: "Os americanos não dão conta de defender os seus índios, que estão sofrendo, como é que vão defender os nossos?".

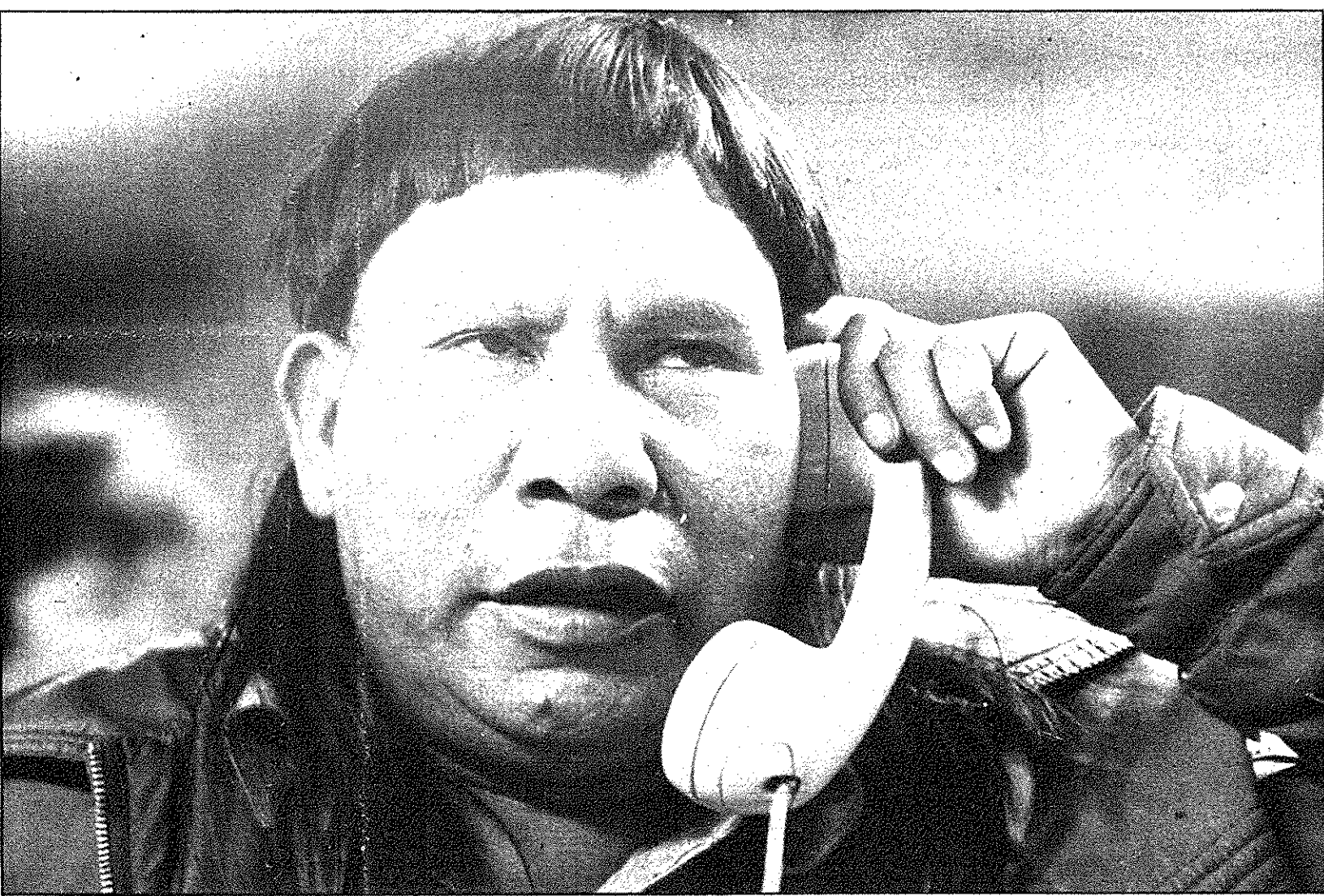
O Colégio Eleitoral também não tem as simpatias do cacique e deputado Mário Juruna: "Esse Colégio é falso, não tem o reconhecimento do povo. O Colégio defende o Governo, que tem medo da palavra do povo". Nessa altura da entrevista, o vereador João Silva pede uma foto sua com Juruna, e o fotógrafo da imprensa da Prefeitura diz que não dá, o filme acabou. Juruna brinca: "Para mim, o filme está sempre acabando. Agora, se o entrevistado fosse o Delfim..." (risos).

O fotógrafo vai buscar novo filme. Quando volta, Juruna continua a ironizar, dizendo que sempre que o Delfim vai dar entrevistas, um batalhão de fotógrafos, com um caminhão de filmes, comparece imediatamente: "Para mim, sempre falta bateria; falta filme, a máquina quebra. Já para o Delfim, a coisa é bem diferente".

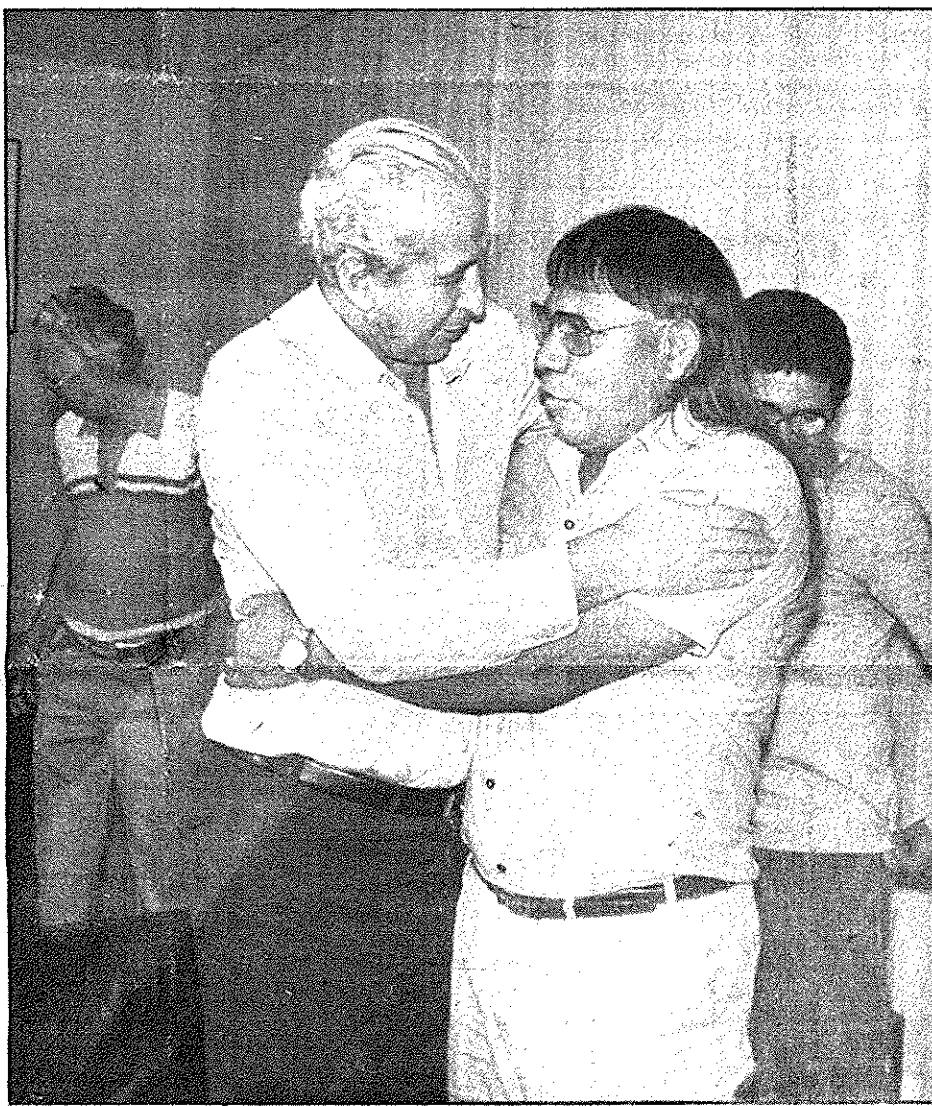
Sobre a política nacional, Juruna diz: "A do povo está boa, a das autoridades é que não está prestando. Esse pessoal que está aí, no Governo, está trabalhando e para acabar de enterrar o Brasil. Sempre apoiei o povo brasileiro, mas nunca apoiei o Ministro. O Governo precisa entregar para o povo o que sobrou do Brasil. Queremos o Brasil de volta". Juruna explica que já está cansado de lidar com político matreiro, raposas que têm muito jogo de cintura, e nenhuma sinceridade em relação às coisas do povo: "Estou cansado de política. Tem muita coisa podre, suja, está tudo tumultuado, tem muita confusão. Esses candidatos que querem os votos do Colégio não precisam fazer campanha. Já temos muitas autoridades no Brasil. Esse pessoal quer é emprego. Esses macacos velhos vão mudar alguma coisa. Para a próxima eleição, não sei quem vou apoiar. Não sei se o povo vai aceitar, se eu apoiar Maluf, Andreazza ou Tancredo. Eu sou uma pessoa só, não posso apoiar seus candidatos. Acho melhor cumprir minha missão, que assumi com o povo brasileiro — não tenho compromissos com candidatos. Se apoiar qualquer um, o povo vai dizer: Juruna, você apoiou fulano, e ele já roubou bastante. Ai, o povo vai ficar com raiva de mim".

Juruna visitou Nion Albernaz acompanhado de Wagner Sampaio Falhares, diretor administrativo e financeiro da Funai, e aproveitou para pedir ao Prefeito que asfalte o trecho que dá acesso à Casa do Índio: "Aquilo lá está poeira pura, muito buraco, parece até o Mato Grosso". Nion prometeu incluir a obra no plano de asfalto que executará em 1985, e conversou muito com o deputado, dizendo de sua admiração pelo trabalho que vem fazendo em prol das comunidades indígenas".

Nion entra na temática política e pergunta a Juruna o que ele acha de Leonel Brizola. Juruna diz: "Brizola quer fazer reforma agrária, mas sem eleição não dá. Quem toma conta do Brasil, hoje, é a ditadura, os dedurados. É melhor derrubar a barreira que está na frente do povo. Em 1989, sou candidato a presidente, sou mais brasileiro do que muitos desses can-



O deputado federal e cacique Mário Juruna não deixa por menos: pede ao Governo que devolva ao povo o que sobrou do Brasil. Disse, ainda, que está com vontade de disputar a Presidência da República, em 1989: "Acabo com a mordomia, e aí sobra dinheiro para o povo"



Mário Juruna veio "de surpresa", como bom mineiro, ver como está funcionando a Casa do Índio em Goiânia. Aproveitou para visitar o prefeito Nion Albernaz, e fazer reivindicações em favor dos índios

didatos que estão aí. Ai eu acabo com a mordomia, e vai sobrar dinheiro para o povo. Ai todo mundo vai ter casa, não vai morar em favela. O Brasil é grande, e tem tanta gente passando fome. A Holanda, que é um país pequeno, está invadindo até o mar, lá ninguém passa fome, é muito diferente daqui. O povo é que vai salvar o Brasil. Veja, o Governo está diminuindo, e o povo está só crescendo. O que falta para brasileiro viver feliz é a terra", ressaltou Juruna, com sua habitual franqueza, sem meias-palavras. Ele se diz com vontade de disputar as eleições em 1989, para a Presidência da República, e aí vai fazer a reforma agrária: "Esses candidatos que estão aí, você acha que eles têm coragem de fazer a reforma agrária? No Brasil, ainda não nasceu homem com peito para isso. Mas eu faço, acabo com a mordomia, e aí sobra dinheiro para o povo".

A entrevista de Juruna com o Prefeito tem a presença de inúmeras pessoas, que vão chegando, talvez curiosos por verem um "índio deputado", talvez por que nutram admiração por esse tipo diferente de político, que não mente, não cochicha ao pé do ouvido, e não tem jogo de cintura. Ladrão para ele é ladrão, corrupto é corrupto. Ele não seria capaz de, por exemplo, ao invés de chamar um homem de mentiroso, insinuar, eufemisticamente: "Você falou com a verdade". É "mentiroso", e pronto. Só há uma palavra para definir exatamente uma pessoa que falta com a verdade: mentiroso. E é com essa simplicidade, esse amor pela verdade, que vem do berço, dos rios e das matas, que esse "aculturado exótico" vai rompendo barreiras — e acabará, quem sabe, sendo o próximo presidente da Funai, quando (e se) Tancredo Neves subir a rampa do Palácio do Planalto, constitucionalmente eleito (por via indireta) Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil. Quem (sobre) viver verá.

JOÃO ROBERTO SILVA